



## ***A EDUCAÇÃO COMO OBJETO DE LUTA E EXPRESSÃO LITERÁRIA DOS SURDOS: TRADUÇÃO COMENTADA DO POEMA “SÓ QUERO MAIS GIZ”***

Ana Gabriela Dutra Santos<sup>1</sup>  
Neiva de Aquino Albres<sup>2</sup>

### ***Resumo***

O presente artigo é uma tradução comentada da poesia “Só quero mais giz” em Língua Brasileira de Sinais, de autoria da poetisa surda Victória Hidalgo Pedroni para a Língua Portuguesa escrita. Trata-se de uma crítica ao momento político materializado em uma poesia visual, um gesto cultural de resistência da comunidade surda. Para a realização desse trabalho, empregamos a abordagem qualitativa e utilizamos a metodologia de estudo de caso que objetiva se aprofundar em uma situação singular (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Do ponto de vista teórico, situamo-nos na perspectiva dialógica do discurso Bakhtiniana. Utilizamos a metodologia de tradução comentada, consolidada forma de estudo do processo de tradução. O conteúdo da poesia reflete um problema político e é reenunciado em português com estratégias específicas para construção de efeitos estéticos.

<sup>1</sup> Graduada em Letras Libras Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Participante do grupo de pesquisa InterTrads - Grupo de Pesquisas em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais. E-mail: anagabi\_dutra@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora no Departamento de Língua de Sinais Brasileira - DLSB e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PGET da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na área de Estudos da Tradução e interpretação de Libras. E-mail: neivaaquino@yahoo.com.br

## *Palavras-chave*

Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de sinais; Movimentos sociais surdos; Tradução comentada; Línguas de sinais; Educação de surdos.

Recebido em: 31/03/2023

Aprovado em: 29/06/2023

# *EDUCATION AS A FIELD OF RESISTANCE AND LITERARY EXPRESSION FOR THE DEAF: A COMMENTED TRANSLATION OF THE POEM SÓ QUERO MAIS GIZ*

242

## *Abstract*

This paper consists of a commented translation of the poem *Só quero mais giz* (in English, I just want more chalk) produced by the Deaf poet Victória Pedroni in Brazilian Sign Language (Libras), into written Portuguese. It criticizes the current political situation, materializing it into a visual poem, a cultural expression of the Deaf community's resistance. The perspective Dialogic Discourse under a Bakhtinian approach. Our methodology involves commented translation, which is a consolidated form of studying the translation process. The poem's content reflects a political issue and it is re-enunciated in Portuguese through the use of specific strategies to achieve aesthetic effects.

## *Keywords*

Sign language translation and interpreting studies; Social Deaf movements; Annotated translation; Sign languages; Deaf education.

Podemos afirmar que a literatura surda reverbera uma visão de mundo, uma expressão visual. Dentre as formas literárias, as poesias como formações discursivas transitam os discursos de surdos e sobre surdos, sobre seus anseios. Este trabalho parte da experiência de uma tradução comentada do poema em Língua brasileira de sinais (Libras) “Só quero mais giz”, produzido por Victória Hidalgo Pedroni e traduzido para a língua portuguesa. Essa poesia é de temática política e tem uma construção forte e direta.

O contexto histórico em que esta obra literária se instala é marcado pela mudança de governo no Brasil com a tomada do poder por um partido de direita que segue preceitos neoliberais, no ano de 2019. Dessa forma, vivesse ameaças gravíssimas ao Estado democrático de direito, com ataques constantes, principalmente, ao campo da educação. Nesse sentido, o contexto da poesia está ao redor da Greve Geral da educação (14-06-19) como mobilização contra os cortes na Educação, em todos os níveis de ensino, assim como de verbas para ciência e pesquisa. Estudantes, professores e trabalhadores dos mais diversos segmentos pararam suas atividades e tomaram as ruas como grito de defesa de direitos que vêm sendo progressivamente sufocados.

A tradução de poesias é bastante discutida por teóricos da área (CAMPOS, 1967, BRITO 2002, SOBRAL 2008), a problemática da preservação de elementos da língua de partida na tradução é recorrente. Essas discussões trazem questões de intraduzibilidade e traduzibilidade de poesias. Nicoloso (2010, p. 309) afirma que “traduzindo o poema do outro, fala de si próprio, coloca-se em evidência, despe-se e veste a fantasia do autor, torna-se o autor”. A tradução é uma experiência única que nos toca e nos modifica (BONDIA, 2002), assim como uma atitude política de dar voz em outra língua à um discurso.

Na perspectiva dialógica da linguagem, o tradutor é o autor da tradução com base no texto de partida, traduz muito além de questões linguísticas, traduz discursos e ideologias (SOBRAL, 2008). A título de exemplo, podemos citar as diferenças culturais tão presentes neste gênero e que requer do tradutor um conhecimento dos costumes e hábitos das culturas envolvidas. Ao traduzir poesias, pode-se afirmar que estamos transitando entre dois mundos diferentes

que nos dão acesso a um leque de questões culturais, de cosmovisão, além das linguísticas (lexicais, morfológicas e sintáticas) a serem feitas na tradução.

A partir dessas discussões, a tradução realizada, neste trabalho, tem duas funções: a) política, com o intuito de aumentar o número de poesias traduzidas da Libras para o português tornando acessível aos ouvintes a poesia de uma autora surda em Língua de sinais, e b) acadêmica, de estudar as escolhas que foram feitas durante o ato tradutório. Estudando o fenômeno da tradução, traçamos como objetivo identificar e discutir os aspectos teórico-práticos mobilizados na tradução de uma poesia em Libras, relacionando estudos linguísticos e nos aspectos epistemológicos envolvidos nos estudos de tradução.

### **Sobre a poesia em Línguas de sinais e sua tradução**

A poesia é um gênero literário capaz de expressar sentimentos, lutas, crenças, ideologias, poder, superação, conhecimento etc. Sendo assim, este gênero é bastante explorado pela comunidade surda. Segundo Sutton-Spence (2014, p.113), a poesia de Língua de sinais constitui “[...] elementos da identidade Surda, conhecimento e poder Surdo e ouvinte, movimentos de resistência Surda, ideologias e discursos hegemônicos, que foram todos percebidos como essenciais em vários poemas sinalizados.”

Sutton-Spence (2005) indica como característica das poesias em Línguas de sinais: a ambiguidade (duplo efeito de sentido por um sinal); neologismos (criação de novos sinais); morfismo (unificação de uma unidade lexical à outra na transição de um enunciado, ou seja, junta-se partes de sinais distintos para formar uma nova expressão); metáfora (sentido figurado a um sinal comum); repetição, (quando alguma unidade linguística – um parâmetro fonológico, léxico/sinal ou uma unidade sintática inteira – é apresentada repetidamente no decorrer da poesia); simetria (mãos e braços produzem movimentos parecidos ou simultâneos); personificação (autor assume, em primeira pessoa, alguma personagem (humano, objeto, animal, etc.) como uma incorporação; e direção do olhar (quando o próprio movimento dos olhos constrói unidades de sentido durante o texto poético). Em outro trabalho, ainda acrescenta que na construção poética em Língua de sinais é comum o uso de mímicas e pantomimas, assim como em produções de narrativas. (SUTTON-SPENCE, BOYES BRAEM, 2013).

A poesia em Língua de sinais tem uma marca muito forte da cultura surda. É perceptível o quanto a visualidade, a simultaneidade da língua nos trazem aspectos diferentes das poesias em línguas vocais-auditivas. A emoção, as rimas<sup>3</sup>, a simetria, o movimento do corpo, as expressões não-manuais, o impacto de alguns sinais e, às vezes, sua leveza, nos traz emoções e euforias difíceis de descrever (SUTTON-SPENCE, 2021).

Para Karnopp e Bosse (2018) produções culturais se popularizam e os sujeitos de mais distintos grupos produzem e consomem uma literatura própria, com características da visualidade como mencionado anteriormente, inclusive de poesias. Reflexo do desenvolvimento e acesso à tecnologia.

Neste sentido pensamos que a poesia surda também passou por um processo de mudança nos cânones, antes muito vinculados às traduções das tradições clássicas. Os estudos culturais apontaram uma mudança de perspectiva, que considera as circunstâncias, os sentimentos, as histórias e experiências únicas dos sujeitos, na construção de suas produções poéticas, não se limitando a regras pré-estabelecidas (BOSSE, 2014, p. 32-33).

Qualquer pessoa pode produzir poesias, pode se encantar com a linguagem e trazer um conteúdo social, político, afetivo, entre outros que o tocam e emergem. “A experiência com a poesia é uma parte importante da literatura surda ligada à produção artística em língua de sinais” (KARNOPP, BOSSE, 2018, p. 124).

Assim como em outras línguas, a poesia em língua de sinais explora os recursos linguísticos para obter efeitos estéticos. A forma como os poemas são organizados, bem como os sentidos que se abrem a partir disso, fazem uma quebra com a forma que a linguagem é utilizada no cotidiano. Os poemas podem estar mais próximos ou mais distantes do uso que se faz com a língua de sinais no cotidiano, em geral, fazendo uma ruptura com a regularidade e tornando as formas linguísticas completamente criativas e novas. (KARNOPP, 2006, p. 16).

A tradução de textos de línguas de modalidades distintas (vocais auditiva vs gestuais visuais) sofre o fenômeno que vem sendo denominado como efeitos de modalidade, ou seja, em produções em Libras vídeo-gravada, a poesia está na versão “oral” da Língua de sinais; há a visibilidade do autor; exige dele

<sup>3</sup> Em Libras, o uso de sinais com a mesma configuração de mão, locação ou direção de movimento pode gerar um efeito parecido, mas não igual à rima ou à aliteração. [...] a repetição, e suas formas, sendo de diversos tipos e níveis nas histórias e nos poemas, faz parte da criação de um ritmo visual. Esse ritmo é divertido e estético, mas também cria sentidos que vão além do conteúdo dos sinais (SUTTON-SPENCE, 2021).

“performance” em sinais; como também o uso do espaço como sintaxe especial. (QUADROS, 2006), quando da tradução para o português escrito, o tradutor, precisa levar em consideração as especificidades das duas línguas de modalidades diferentes para desenvolver as suas escolhas tradutórias Assim,

a tradução de textos artísticos, especialmente poéticos, nesse sentido, configura desafios do ponto de vista linguístico e discursivo pelas especificidades materiais das línguas envolvidas no processo tradutório (uma de modalidade oral/auditiva/escrita e outra de modalidade visual/gestual/espacial) e pelas características de textos produzidos a partir destes gêneros. (NASCIMENTO; MARTINS, SEGALA, 2017, p. 1850)

Pesquisas em estudos da tradução indicam a possibilidade da tradução de poesias também em línguas de modalidades distintas (KLAMT, 2014; NASCIMENTO; MARTINS, SEGALA, 2017; SILVA, ALBRES, 2019). Todavia, ainda se requer um detalhamento e aprofundamento dos aspetos cognitivos, subjetivos e linguístico-discursivos para a mobilização dos sentidos de poesias em processos de tradução.

## Metodologia de Pesquisa

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, configurando-se como um estudo de caso. O estudo de caso deve ser aplicado quando o pesquisador tiver o interesse em pesquisar uma situação singular, particular. “O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenvolver do estudo” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 17).

O estudo de caso aqui apresentado consiste em estudar o caso da tradução “Só quero mais giz” em Língua Brasileira de Sinais, de autoria da poetisa surda Victória Hidalgo Pedroni para a Língua Portuguesa escrita por duas tradutoras ouvintes.

Tal estudo de caso apresenta características fundamentais que são destacadas pelas mencionadas autoras. Essas características são:

- 1 – Os estudos de caso visam à descoberta.
- 2 – Os estudos de caso enfatizam a ‘interpretação em contexto’.
- 3 – Os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda.
- 4 – Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação.
- 5 – Os estudos de caso revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas.



6 – Estudos de caso procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social.

7 – Os relatos de estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 18-20)

A tradução comentada, difundida metodologia nos estudos da tradução, pode ser classificada como um estudo de caso. Estuda o caso de uma tradução, em um tempo e espaço determinada, pela intervenção de alguns tradutores para descobrir sobre o processo e problemas de tradução de determinado gênero discursivo.

Para Williams e Chesterman (2002), a tradução comentada é uma forma de pesquisa introspectiva (um inquérito sobre o pensamento do tradutor) e retrospectiva (a reflexão após a tradução sobre o que foi feito). O tradutor pratica o ato tradutório e ao mesmo tempo tece comentários sobre seu próprio processo de tradução. Classificam-na como uma subárea denominada de “Análise de Texto e Estudos de Tradução”. Quanto ao comentário, “incluirá [...] uma análise dos aspectos da fonte texto, e uma justificativa fundamentada dos tipos de solução que você chegou para determinados tipos de problemas de tradução”<sup>3</sup>. (WILLIAMS; CHESTERMAN, 2002, p. 7, *tradução nossa*). O comentário inclui discussão sobre o trabalho, análise de aspectos do texto de partida, justificativas sobre soluções de problemas de tradução. Contribuindo para o aumento da autoconsciência do tradutor ao traduzir e, conseqüentemente, a qualidade da tradução.

Nesse sentido, compreendemos que a “tradução comentada” pode ser definida como um tipo de estudo de caso, em que se delimita um texto-discurso de partida e o estudo de sua tradução (ALBRES, 2020a, 2020b).

Passos da pesquisa: a) escolha da obra, b) antes da tradução, c) no processo de tradução e d) após a tradução.

#### A) A escolha da obra:

Escolha da obra tendo como critério a produção de literatura por uma pessoa surda reconhecidamente artista pela comunidade. A autora da poesia Victória Hidalgo Pedroni participa do grupo de pesquisa “Literatura em Línguas de Sinais” coordenado pela Dra. Rachel Louise Sutton Spence, é mestre pela UFSC em “Estudos da Tradução”



Diante do período político que vivemos em 2019, da complexa movimentação social diante da grande ameaça à democracia pela mudança presidencial, buscamos uma poesia com esse tom político.

Outro critério foi o caráter público da poesia para servir como objeto de pesquisa. Respeitando os preceitos éticos de pesquisa, utilizamos um poema publicado em site da internet, disponíveis gratuitamente, e incorporado à “Antologia de poesia UFSC Libras”<sup>4</sup>, que tramitou a documentação com a cessão de direitos para esses poemas serem incluídos na antologia e utilizados para pesquisa (SUTTON-SPENCE; MACHADO, 2018). A poesia “Só quero mais giz”, de autoria da poetisa surda Victória Hidalgo Pedroni, então, está coberta por essa autorização.

## B) Antes da tradução

Antes da tradução, completamos nosso conhecimento da biografia e da principal obra literária da autora, especialmente em poesia, a fim de entender melhor seu perfil pessoal e característica da sua produção artística, o contexto sociocultural em que ela viveu e atuou, bem como seu estilo poético, considerando o projeto discursivo da poetisa.

## C) No processo de tradução

No processo da tradução, desenvolvemos uma primeira tradução linear, essencialmente semântica, de cada estrofe, a qual nos referiremos, na seção de análise, como “tradução direta”. Então, para cada palavra lexical, produzimos uma lista de sinônimos e, de forma paralela, uma de todas as suas palavras rimadas.

Nós também fornecemos ordens de palavras alternativas e, sempre que nos vêm à mente, possíveis reformulações sintáticas por meio de circunlocuções e até mesmo soluções diretas para uma tradução.

Portanto, paralelamente, utilizamos a abordagem “dedutiva”, em que todas as soluções são anotadas em uma lista, mas durante o processo de tradução, apenas por uma questão de “inspiração”, é escolhida, quando esta era a única solução para combinar a rima e ajustar as métricas necessárias. Uma ou mais soluções para uma estrofe foram elaboradas, ou completamente diferentes ou

---

<sup>4</sup> Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/176560>>

apenas variando em alguns versos ou palavras, e um processo de consideração de prós e contras foi realizado. Depois de fazer uma primeira escolha, mais consideração sobre a maneira como o novo poema soou.

Prosseguindo dentro de cada linha (verso):

- 1) Fizemos uma primeira tradução direta, uma lista de sinônimos possíveis para palavras lexicais, depois fizemos uma ou mais opções para o verso, pensamos em possíveis reordenamentos do verso tanto na língua de origem quanto na de destino, e rimas para aquelas palavras que poderia acabar em uma posição final, então fizemos uma lista de possíveis traduções literárias do verso;
- 2) Consideramos possíveis reformulações sintáticas na língua de destino da tradução (português);
- 3) Consideramos também as soluções surgidas por inspiração;
- 4) Comparamos as possíveis soluções e mantemos um punhado delas: um novo critério de seleção considerará o efeito emocional das palavras, o par som-emoção. Continuando linha por linha.

#### D) Após a tradução

Finalmente, olhando para o poema inteiro em português (tradução), fizemos as considerações referentes à obra como um todo. Descrevendo e analisando pontos essenciais para a compreensão da superação dos problemas de tradução.

Todo esse processo foi registrado em diário de tradução, um instrumento de pesquisa em que apontamos os processos, as escolhas e desistências, justificando a definição de uma ou outra palavra para se referir às expressões em Libras (ROSSI, 2014, ALBRES, 2020a).

## Apresentando a autora da poesia



Fonte:  
<https://festivaldefolcloresurdo.com/o-festival/agradecimentos/equipe/>

**Victória Hidalgo Pedroni** é mestre em Estudos da Tradução no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista CAPES-DS. Formada no curso de Letras Libras - Licenciatura na Universidade Federal de Santa Catarina (2018). Professora de poesias na área de Libras. Interesse em pesquisas relacionadas aos Estudos da Interpretação em Língua de Sinais e em poesias surda.

**fonte:** <http://lattes.cnpq.br/7106314481183865>

250

## Sobre as tradutoras

A obra foi traduzida na disciplina de Literatura Surda do curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina por Ana Gabriela Dutra Santos e por Neiva de Aquino Albres em processo de estudo e tradução comentada. As autoras do artigo são tradutoras Libras-português e pesquisadoras vinculadas ao núcleo de pesquisas em tradução e interpretação de línguas de sinais – InterTradS da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

## Análise e discussão da tradução produzida

Nesta seção, o processo de tradução do poema é revisado, destacando os principais passos e questões da tradução. A ideia inicial era configurar a tradução em um soneto. Um soneto é apresentado em sua versão original com algumas características estruturais, geralmente, o soneto é um poema de forma fixa, composto por quatro estrofes, sendo que as duas primeiras são constituídas por quatro versos, cada uma, os quartetos, e as duas últimas de três versos, cada uma, os tercetos. Ao analisar a obra de Vitória, discutido à luz de seu contexto de produção, significados, contexto social e econômico do país e suas implicações para a educação.

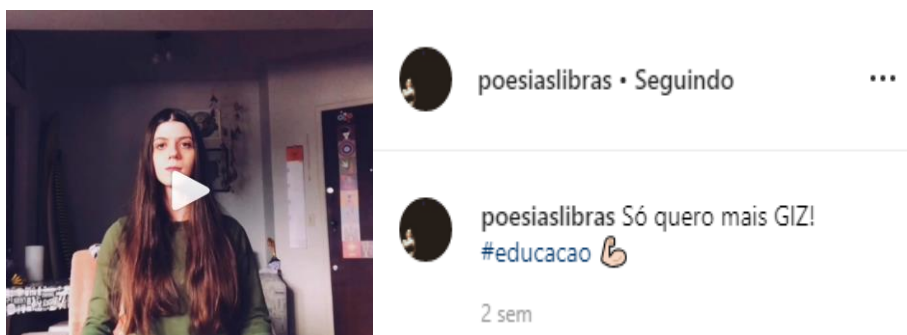
## “Só quero mais giz”: algumas considerações iniciais

A poesia “Só quero mais giz”, traduzida e comentada neste trabalho, foi produzida por Victória Hidalgo Pedroni e publicada inicialmente em sua conta no Instagram, somente depois incorporadas a Antologia Literária (UFSC). A duração total do poema é de 30 segundos. Considerando que é uma poesia curta, a tradução foi feita em 4 estrofes com 4 versos cada uma, exceto a primeira estrofe que se apresenta com 5 versos. A repetição, o ritmo e as pausas presentes nessa poesia foram analisadas e levadas em consideração na tradução.

251

A poesia “Só quero mais giz” foi criada e divulgada em um momento de luta em nosso país. Diante da situação política do Brasil, no ano de 2019, e dos movimentos levantados por estudantes, professores, pais, entre outros, em que cortes de verbas foram feitos no âmbito educacional. A poesia foi criada como sinônimo de luta e de denúncia pela comunidade surda e por aqueles que se unem para lutar pelos direitos de uma educação pública em que todos possam ter acesso.

Figura 1 - Vídeo do poema publicado inicialmente no Instagram da autora



Fonte: <https://www.youtube.com/shorts/QtE5vIECmZE>

<https://www.instagram.com/p/BxfwJw7FeC-/>

## Comentários sobre a tradução do poema “Só quero mais giz”

Para as escolhas da tradução, foi pensado no texto como um todo, no seu sentido e na mensagem que a autora queria transmitir. Em Libras a poesia é bem impactante e intensa. Uma das dificuldades encontradas foi trazer para a tradução em português essa mesma intensidade. As palavras no português

parecem não dar conta de transmitir tudo o que a Língua de sinais nos transmite com a sua visualidade e gestualidade. Sendo assim, mesmo com essa dificuldade, tentamos buscar por um léxico que correspondesse o que estava sendo expresso na poesia em Libras.

Antes de iniciar a tradução do poema “Só quero mais giz” realiza-se uma análise do vídeo. Para isso, a poesia foi assistida por diversas vezes, e glosas<sup>5</sup> foram produzidas com o intuito de facilitar a tradução. Em seguida, iniciamos a tradução assistindo ao vídeo e usando a glosa como base para pensar os termos mais apropriados em português. A cada sinal sentimos muita dificuldade nas escolhas, pois a Língua de sinais, por ser uma língua gestual-visual, contém muitos elementos simultâneos, como expressões não-manuais simultâneas aos sinais.

No início do vídeo a autora repete o sinal “ENSINAR” por 3 vezes e juntamente com esse sinal ela paulatinamente o associa a expressões faciais que produzem o efeito de sentido de dificuldade. Fechar os olhos, cerrar os dentes, logo depois apertar os lábios simultaneamente à produção do sinal “ENSINAR”.

Figura 2 - Repetição do sinal “ENSINAR”



Fonte: Desenvolvida pelas autoras.

<sup>5</sup> Glosa é a palavra-chave para denominar sinais da Libras em um processo de transcrição em que se atribui palavras em português para registrar os sinais utilizados pelo sujeito de pesquisa em Libras. Segundo McCleary; Viotti; Leite (2010) no sistema de glosas uma palavra em língua oral é grafada em maiúsculo como representação do sinal manual com sentido equivalente. Todavia, os dados de enunciação em Libras são em sua maioria compostos por sequência gestual e pantomímica, para esta parte dos dados opta-se por registrá-la utilizando um texto descritivo/narrativo.

Na tradução, ponderando sobre questões estéticas de poesia, como versos e rimas, e características do texto escrito, como a sequencialidade e linearidade da língua, é extremamente complexo reproduzir na escrita a simultaneidade da Língua de sinais. Na poesia, texto de partida, quando a autora repete o sinal de ‘ENSINAR’ por 3 vezes, optamos por tentar manter três versos com sinônimos de “ENSINAR” e acrescentar mais dois versos falando sobre a dificuldade do ato de ensinar. Com isso, tentamos elucidar na tradução o que as mãos, o corpo e as expressões não-manuais nos indicavam em Libras. A seguir, a tradução dessa primeira estrofe.

*Ser mestre e ensinar*

*Ser mestre e lecionar*

*Ser mestre e educar*

*Educar com dificuldade*

*Dificuldade que aumentará*

Nesse sentido, a repetição do “ser mestre” foi um acréscimo das tradutoras, considerando estar subtendido a ação dos professores de resistência em ensinar apesar dos desafios das estruturas das escolas atualmente.

Essa escolha de repetição com sinônimos proporcionou no texto escrito a marca da repetição que encontramos em poesias em Língua de sinais, além disso, esses sinônimos nos permitiram tentar reconstruir uma rima e deixar os versos com um pouco mais de sintonia. Representar as expressões não-manuais nos dois últimos versos foi uma estratégia para que essa marca tão importante da poesia não se perdesse em meio às palavras e rimas do português.

Em seguida, a autora usa o sinal “CORTAR” que tem seu ponto de articulação inicial no canto superior direito e movimento na vertical para baixo e corta a mão esquerda que é usada para fazer o sinal de “ENSINAR”.

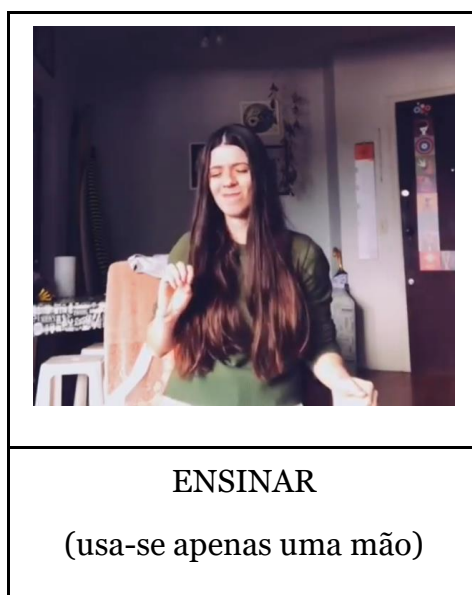
Figura 3 - sinal “CORTAR”



Fonte: Desenvolvida pelas autoras.

Esse sinal simboliza alguns dos cortes que já vínhamos sofrendo na educação. Contudo, ainda se mantém o ensino, mesmo que com muita dificuldade e apenas com alguns recursos que, na sinalização é representado com apenas uma mão (aquela que não foi cortada) produzindo o sinal de “ENSINAR”.

Figura 4 - sinal “ENSINAR”



Fonte: Desenvolvida pelas autoras.



Na tradução, corresponde a esses dois momentos da sinalização do poema, foi criada uma estrofe com 4 versos para traduzi-los.

*E quando nos cortam*  
*parte do direito de ensinar*  
*Nos mantemos firmes*  
*E continuamos a educar*


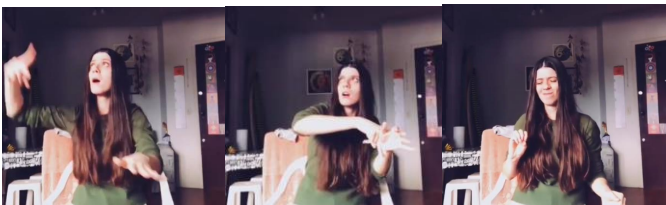
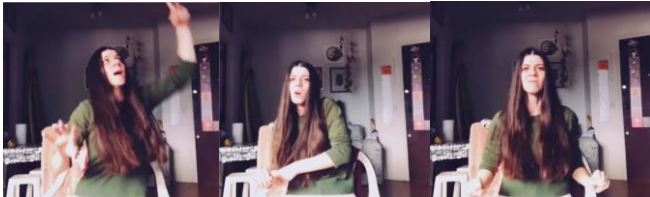
A escolha de traduzir esses dois sinais em quatro versos e utilizar uma estrofe inteira foi por questões estéticas e por tentar trazer uma harmonia com toda a tradução da poesia. A escolha das palavras fora pensada para tentar reconstruir o que a poesia está expressando. Compreendendo o projeto discursivo da poesia, a tarefa das tradutoras é criar a partir do enunciado da autora. Por exemplo, ao usar “*E quando nos cortam / parte do direito de ensinar*”, nos referimos a apenas “uma mão cortada”. A pequena pausa que ela faz antes de iniciar o sinal de “ENSINAR” com uma mão, reflete o sentimento de injustiça e insatisfação por parte daqueles que sofreram com os cortes na educação. Nos dois últimos versos “*Nos mantemos firmes / E continuamos a educar*”, tentamos reconstruir a continuidade da luta por parte daqueles que permanecem a “ENSINAR” diante desse cenário. Os termos também foram pensados para que houvesse rimas entre o segundo e o quarto verso da estrofe.



Trata-se da produção de uma dessemelhança do semelhante, pois, ainda que a obra seja a mesma, com o título original e o nome original de seu autor, não é uma cópia do original porque a tradução faz dela uma obra em movimento, sujeita a diferentes interpretações, convivendo em isonomia com obras escritas na língua de chegada e sendo lida à luz de outros valores culturais, de outra psicologia da recepção, assim como das tradições da literatura dessa língua outra. (BEZERRA, 2012, p. 18)

Nessa tradução, evidenciamos o processo criativo dos tradutores. Como corrobora Petrilli (2013, p. 182-183), na tradução envolve a ‘consciência significativa e linguística e a ampliação das próprias experiências e conhecimentos’. As autoras da tradução como profissionais da educação viveram todo o processo de tensão econômico e político do país. “Tais processos são tão mais inovadores e criativos quanto mais dialógica e extralocalizada a relação entre signo traduzido, o interpretado, e o signo que traduz, o representante”. Para o restante da tradução, seguimos a mesma lógica de quantidade de versos,

estrofes e rimas, bem como os sentimentos, as angústias e o espírito de luta expressos na poesia.

Figura 5 - Tabela com imagens do poema, glosa e tradução.

<p>Link do Poema “Só quero mais giz”, de Vitória Pedroni <a href="https://www.youtube.com/shorts/QtE5vIECmZE">https://www.youtube.com/shorts/QtE5vIECmZE</a></p>	<p>Tradução do poema “Só quero mais giz”, por Ana Gabriela Dutra Santos e orientação de Neiva de Aquino Albres</p>
 <p>ENSINAR      ENSINAR      ENSINAR</p>	<p><i>Ser mestre e ensinar</i> <i>Ser mestre e lecionar</i> <i>Ser mestre e educar</i> <i>Educar com dificuldade</i> <i>Dificuldade que aumentará</i></p>
 <p>CORTAR      CORTAR      ENSINAR (uma mão)</p>	<p><i>E quando nos cortam</i> <i>parte do direito de ensinar</i> <i>Nos mantemos firmes</i> <i>E continuamos a educar</i></p>
 <p>CORTAR      CORTAR      (mãos apoiadas na cadeira)</p>	<p><i>E se nos tiram</i> <i>todo o direito de ensinar</i> <i>Unidos iremos</i> <i>a batalha enfrentar</i></p>

 <p>PESSOAS</p>	
 <p>(mão direita na cintura)      ESCREVER      (datilologia da palavra GIZ)</p>	<p><i>O giz é nossa arma</i></p> <p><i>E ela vamos levantar</i></p> <p><i>Para a luta travar</i></p> <p><i>E nossa alma acalmar</i></p>

Fonte: Desenvolvida pelas autoras.

OBS.: A apresentação na coluna esquerda consiste em algumas imagens do vídeo relacionados à GLOSA dos sinais para exemplificar a proposta de tradução. A compreensão da poesia em Libras só faz sentido após assistir o vídeo completo.

A repetição, o ritmo e as pausas estão presentes na poesia em Língua de Sinais. Esse efeito estético foi construído em Libras e em português em alguns momentos por meio da repetição de palavras e, em outros, pela construção de palavras com rima.

A repetição cria padrões que se destacam como incomuns. Acima de tudo, em muitos poemas, ela cria um efeito estético, fazendo-os parecerem elegantes ou divertidos. Admiramos a habilidade do poeta de manter rigorosamente os padrões repetitivos. Normalmente, no entanto, repetir um elemento por muito tempo pode gerar cansaço no público espectador, então a repetição é usada cuidadosamente com a intenção de se criar outros efeitos. Podemos destacar as relações inusitadas entre palavras e ideias, criando um significado que vai além no poema (SUTTON-SPENCE, 2021, sp.).

A tradução foi desenvolvida pensando no texto como um todo, no seu sentido e na mensagem que queria expressar, preservando aspectos estilísticos do gênero poesia. Dessa forma, acreditamos que um enfoque tradutório pelo sentido e que motive a criatividade e autoria do tradutor se faz essencial para que o texto traduzido imprima o que está sendo expresso no discurso em Libras. Assim, a tradução de poesias em Libras é de grande importância para que, aqueles que não tiveram acesso ao texto de partida, possam ter acesso a ela em português

e conheçam mais sobre a comunidade surda e suas poesias, considerando o papel criador dos tradutores e os desafios de trabalhar no movimento entre uma língua e outra, entre uma cultura e outra. Concordamos que

essa nova condição – a de obra em movimento – enriquece a obra traduzida com os valores que nela insere a interpretação do outro que a lê. É isso que dá vida própria a uma obra traduzida. Aí a individualidade criadora do tradutor é questão de primeira essência. Ele investe todas as suas potencialidades criadoras no empenho de recriar a seara de sentidos que enfeixam a obra, desprezando de saída a ilusão do “dois mais dois são quatro”, forma simplista da ilusão de literalidade. O discurso literário tem como característica fundamental a diversidade ampla e profunda de sentidos que suas palavras irradiam, o que obriga constantemente o tradutor a interpretar o sentido ou os sentidos de uma palavra ou expressão no contexto específico desse discurso e procurar a forma mais adequada de recriá-los. (BEZERRA, 2012, p. 18).

Os sentidos da poesia transcendem a expressão de “tirar o giz do bolso e levantá-lo”. Ela dialoga com outros discursos veiculados na sociedade na época. Diante da política de armamento encabeçada pelo recém presidente, a expressão da poetisa surda Vitória “O giz é nossa arma” é uma resposta ativa ao discurso de ódio e de armamento a população. Pautamos nas reflexões de Bakhtin (2003, 2006) sobre dialogismo e compreensão responsiva ativa, analisando a produtividade desses conceitos nas respostas da poetisa surda. Há uma interação, uma dialogicidade, numa poesia cujo objetivo principal é provocar no leitor a articulação entre leituras extra à poesia, relacionada ao contexto político e social da época.

A poesia como fenômenos linguístico-discursivo evidencia-se a produtividade dos conceitos de dialogismo e compreensão responsiva ativa nas respostas da poetisa aos fenômenos sociais.

O conceito de dialogismo de Bakhtin está intimamente relacionado à compreensão ativa e responsiva. Nesse processo de compreensão, utiliza-se um conjunto de experiências históricas e socialmente construídas para responder a um determinado discurso, expressando a posição e o julgamento do falante em uma esfera específica da interação, seja ela em comunicação face a face, pela leitura de um texto ou por assistir um vídeo em Libras, por exemplo. O autor antecipa uma resposta ou uma compreensão ativa por parte do interlocutor, considerando o contexto social em que estão inseridos, ou seja, considera o seu

“auditório social”. Bakhtin/Volochinov (2006, p. 113). Contudo, essa expectativa de resposta ou de compreensão do leitor não é rigidamente determinada, pois cada leitor tem seu espaço de interpretação. Portanto, ao falar ou escrever, tanto o autor quanto o tradutor que tem a tarefa de reconstruir o discurso precisam considerar as características dos interlocutores, como posição social, formação intelectual, grau de intimidade com o tema. Com base nessas informações, faz-se a escolha do gênero do enunciado, dos recursos composicionais e das estratégias linguísticas, a fim de promover a criação de espaços dialógicos.

Então, a tradução, transversalmente, perpassa pela política linguística, pela política da educação, pela política de acesso aos bens culturais da humanidade, entre eles as produções da comunidade surda. Assim, “políticas de tradução” estão no emaranhado da construção dialógica do discurso em uma comunidade de minoria linguística que tem o direito de visibilidade de tornar-se um bem cultural conhecido.

## Considerações finais

A poesia é um gênero literário capaz de expressar sentimentos, lutas, crenças, ideologias, poder, superação, entre outros aspectos. Sendo assim, este gênero é bastante explorado na literatura surda e possui uma marca importante na cultura dos surdos. Portanto, ao reenunciar os elementos principais dessa poesia em Libras a fim de reconstruí-los no texto de chegada (português). Alcançamos nosso objetivo de problematizar os aspectos teórico-práticos mobilizados na tradução, relacionando estudos linguísticos e aspectos epistemológicos envolvidos nos estudos de tradução.

Para alguns autores este gênero é intraduzível e outros questionam se é possível fazer tais traduções. Neste trabalho, concordamos que a tradução de poesia é possível, para isso, consideramos que o tradutor é um autor, assim a tradução é realizada (SOBRAL, 2008).

A visualidade das Línguas de sinais nos traz muitos desafios quando se trata da tradução de poemas. Todos os detalhes visuais que a Língua de sinais nos proporciona, quando reconstruídos em um texto escrito, perde-se algumas sutilezas presentes nas Línguas de sinais. Um destes desafios é o fato de trabalharmos com línguas de modalidades diferentes, a Libras é uma língua

gestual-visual e o português, uma língua vocal-auditiva. Destacamos a diferença entre simultaneidade da Língua de sinais e a linearidade do português.

Além da diferença de modalidade se tratando da oralidade das línguas, temos ainda a diferença de modalidade de traduzir da oralidade, pois a poesia é feita em Libras e registrada em vídeo, para a escrita. As dificuldades apresentadas nesse processo são perceptíveis. Ao produzir uma “fala”, seja ela em línguas vocais-auditivas ou gestuais-visuais, o modo de se expressar na oralidade é diferente da forma e regras que seguimos quando a reconstruímos em um texto escrito. Sendo assim, esses desafios foram enfrentados e “solucionados” da melhor maneira possível.

Como forma de literatura, conhecimento e poder surdo, luta, denúncia, resistência, etc., a poesia se faz de grande importância para a comunidade surda e para aqueles que têm acesso a esta arte tão linda e impactante. Assim, as traduções dessas poesias também são de grande importância para que aqueles que não tiveram acesso a poesia em Libras, possam ter acesso a ela em português e conheçam mais sobre a comunidade surda e suas poesias. Dessa forma, a tradução é um ato político de visibilidade da comunidade surda.

## Notas:

<sup>3</sup> “will include [...] an analysis of aspects of the source text, and a reasoned justification of the kinds of solution you arrived at for particular kinds of translation problems”. (texto original em inglês).

## Referências

ALBRES, N. A. Traduções comentadas de poesias em e traduzidas para línguas de sinais: um método de pesquisa em consolidação. **Revista Araticum**. v. 21 n. 01, 2020a. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/araticum/article/view/2739/2696?fbclid=IwAR1OhAc1h4DOqL4y23-5udfchXErBvYKtThbvUg2SnaYbiC4xvaqng>. Acesso em: 01 mar. 2023.

ALBRES, N. A. Tradução comentada de/para línguas de sinais: ilustração e modos de apresentação dos dados de pesquisa. **Revista Linguística**; v. 16; n. 3; 2020b. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/33672>. Acesso em: 01 mar. 2023.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, V.N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.



BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Tradução Paulo Bezerra).

BEZERRA, P. Tradução e Criação. **Linha D'Água**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 15-23, 2012. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v25i2p15-23. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/47712>. Acesso em: 17 mar. 2023

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de Experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> Acesso em 20 jan. 2019.

BOSSE, R. O. H. **Pedagogia cultural em poemas da língua brasileira de sinais**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BRITTO, Paulo H. Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia. In: Org. KRAUSE, Gustavo Bernardo. **As margens da tradução**. Rio de Janeiro, FAPERJ/Caetés/UERJ, 2002, pp. 54-67.

CAMPOS, Haroldo. de. **Da tradução como criação e como crítica**. In: Metalinguagem. Petrópolis, Vozes, 1967, pp. 21-38.

KARNOPP, Lodenir. Literatura surda. **Caderno Pedagógico** – Curso de licenciatura em Letras-Libras. Florianópolis: UFSC. 2006.

KARNOPP, Lodenir Becker; BOSSE, Renata Heinzelmänn. Mãos que dançam e traduzem: poemas em língua brasileira de sinais. In: **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 54, p. 123-141, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n54/2316-4018-elbc-54-123.pdf>.

KLAMT. Tradução comentada do poema em língua brasileira de sinais “Voo sobre rio”. **Belas Infiéis**, v. 3, n. 2, p. 107-123, 2014.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MCCLEARY, L. E.; VIOTTI, E. C.; LEITE, T. Descrição de línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. **Alfa**. v. 54. São José do Rio Preto: UNESP, 2010.

NASCIMENTO, Vinícius, MARTINS, Vanessa R. de O., SEGALA, Rimar R. Tradução, criação e poesia: descortinando desafios do processo tradutório da Língua Portuguesa (LP) para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). **Domínios de Lingu@gem**. Uberlândia. vol. 11, n. 5, dez. 2017 p. 1850-1874. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/37378>

NICOLOSO, S. Traduzindo poesia em língua de sinais: uma experiência fascinante de verter gestos em palavras. **Cadernos da Tradução**, Florianópolis, v. 2, n.26, p. 307-332, 2010.



- PETRILLI, Susan. **Em outro lugar e de outro modo**. Filosofia da linguagem, crítica literária e teoria da tradução em, em torno e a partir de Bakhtin. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.
- QUADROS, Ronice Muller de. Efeitos de modalidade de línguas: as línguas de sinais. *ETD: Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n.2, p. 167 177, 2006.
- ROSSI, Ana Helena. Traduzir: aspectos metodológicos e didáticos no ensino da tradução. In: FERREIRA, Alice M de A. GOROVITZ, Sabine (Org.). **A Tradução na Sala de Aula**: ensaios de teoria e prática de tradução. Brasília: Editora UnB, 2014. 219 p.
- SILVA, Marília Duarte da; ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução comentada do poema em língua brasileira de sinais “Amor à primeira vista”. **Revista de Ciências Humanas**, Vol. 18, no 2 – Julho/Dezembro de 2019.
- SOBRAL, A. **Dizer o "mesmo" a outros**: ensaios sobre tradução. São Paulo: SBS Editora, 2008.
- SUTTON-SPENCE, R.; BOYES, Braem, P. Comparing the Products and the Processes of Creating Sign Language Poetry and Pantomimic Improvisations. **Journal of Nonverbal Behavior**, San Francisco, n. 37, p. 245–280, 2013.
- SUTTON-SPENCE, R. Analyzing Sign Language Poetry. *London: Macmillan*, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/9780230513907>
- SUTTON-SPENCE, Rachel. Por que precisamos de poesia sinalizada em educação bilíngue. **Educar em Revista**, [S.l.], p. p. 111-128, ago. 2014.
- SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em libras**. tradução Gustavo Gusmão. 1. ed. -- Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021. [livro eletrônico]. Disponível em: [http://files.literaturaemlibras.com/Literatura em Libras Rachel Sutton Spence.pdf](http://files.literaturaemlibras.com/Literatura%20em%20Libras%20Rachel%20Sutton%20Spence.pdf)
- SUTTON-SPENCE, Rachel; MACHADO, Fernanda de Araujo. Considerações sobre a criação de antologias de poemas em línguas de sinais. In: STUMPF, Marianne Rossi; QUADROS, Ronice Müller de (orgs.). **Estudos da língua brasileira de sinais IV**. Florianópolis: Editora Insular: Florianópolis: PGL/UFSC, 2018. pp. 187- 210 (SELS Série estudos de língua de sinais; v.4). Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/192985/livro%20Estudos%20Sinais%20v%204%20outubro%202018.pdf?sequence=1&isAllowed=y>  
> Acesso em: 21 jul 2022.
- WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. **The map**. A Beginner's guide to Doing Research in Translation Studies. *Manchester (UK) and Northampton (Massachussets)*: St. Jerome's Publishing, 2002.